
REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251



^a
Semana Científica
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - www.hcpa.ufrgs.br

ACUPUNTURA NO TRATAMENTO ADJUVANTE DA ARTRITE REUMATÓIDE

VERA REGINA LOPES DA SILVA;SIMONE ZANETTE; ODIRLEI ANDRÉ MONTICIELO; CHARLES LUBIANCA KOHEM; CLAITON VIEGAS BRENOL; ALINE RANZOLIN; TAMARA MUCENIC; RICARDO MACHADO XAVIER; JOÃO CARLOS TAVARES BRENOL; MARCELE OSÓRIO RIZZATTI

Introdução: A acupuntura tem sido utilizada por grande número de pacientes com doenças reumatológicas, em especial, a Artrite Reumatóide (AR). Objetivos: Avaliar a eficácia da acupuntura (AC) no tratamento adjuvante da artrite reumatóide (AR). Métodos: Ensaio clínico, randomizado, duplo-cego, placebo controlado foi realizado. Quarenta pacientes com AR foram randomizados para receber um protocolo de acupuntura (AC) ou falsa acupuntura (falsaAC) por 9 semanas. Desfecho primário: melhora de 20% nos critérios do American College of Rheumatology 20 (ACR20), após a 5^a e 10^a sessões e após 1 mês de “follow-up”. Desfechos secundários: Disease Assessment Scale (DAS), contagem de articulações dolorosas e edemaciadas, rigidez matinal, Health Assessment Questionnaire (HAQ), escala visual analógica para dor (VAS P), avaliação global da atividade da doença pelo médico, avaliação global da reação ao tratamento pelo médico e pelo paciente e marcadores inflamatórios. Resultados: Não houve diferença estatística significativa entre os grupos quanto ao número de pacientes que atingiu o ACR20., porém, 1 mês após o término dos protocolos, o grupo AC demonstrou tendência à significância estatística. O grupo AC demonstrou diferença significativa na avaliação da atividade de doença pelo médico e do efeito do tratamento pelo médico e pelo paciente. As variáveis DAS, HAQ, rigidez matinal, avaliação global da atividade da doença pelo médico e efeito dos protocolos tiveram melhora significativa dentro do grupo AC. Conclusões: Não houve diferença significativa na proporção de pacientes que atingiu o ACR20 entre os grupos AC e falsa AC. Os resultados negativos podem estar relacionados à amostra pequena, à seleção dos pacientes, ao tipo de protocolo utilizado e à dificuldade de estabelecer-se um grupo placebo.

OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E O ENFRENTAMENTO DA MORTE

LETÍCIA FIGUEIRÓ FONTOURA; VERA CATARINA CASTIGLIA PORTELLA

Este estudo objetiva compreender como os acadêmicos de enfermagem estão emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, uma vez que esta se faz presença marcante no cotidiano da profissão de enfermagem e que, atualmente, a questão da morte pouco é abordada, especialmente durante a graduação. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja população se constitui nos acadêmicos de enfermagem do nono semestre do Curso de Graduação em Enfermagem. Através de entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1990), foram consultados doze acadêmicos, entre abril e maio de 2005. O questionário constou de dados de identificação e de perguntas abertas sobre experiências, sentimentos, medos, opiniões e religiosidade acerca da vivência de situações de enfrentamento da morte. Os dados foram categorizados e analisados segundo Lüdke (1986). Os resultados apontam que os acadêmicos que se julgam emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, tem considerável vivência dessas situações. Aqueles que se dizem não preparados, conservam uma ansiedade pelo fato de não saber como lidar com sua reação. Existe nos acadêmicos uma insegurança por não saber trabalhar tecnicamente e emocionalmente com situações críticas, devido a uma lacuna no ensino, durante a formação profissional. A religiosidade e a crença numa existência pós-morte parece confortar esses indivíduos. O vínculo formado com o paciente, durante o tratamento, influencia na intensidade da dor da perda. O processo de enfrentamento da morte para os acadêmicos de enfermagem é solitário, feito através de experiências pessoais, entretanto, seria de grande valia a discussão dessa temática durante a graduação.